

com verdadeiros «ritos de passagem». Desconheço essa cerimónia complicada em território português, mas quando a aprendizagem marítima está adiantada de modo que o rapaz crescido possa ser reputado meio homem (que ganha meio quinhão) passando mais tarde a ganhar um quinhão inteiro, é chegado o momento de convidar os seus companheiros para beber o vinho. O acesso do jovem poveiro de solteiro a casado não pode ter efeito sem que ele tenha atingido o estado de adulto na turma de pesca, isto é, possuir utensílios suficientes para ganhar o seu quinhão inteiro. Os companheiros do noivo convidam-no para uma pequena festa, marcando com isso a saída do pescador poveiro da roda dos solteiros.

Numa exposição resumida como esta, apenas ligeiramente é possível tratar de certos problemas social-antropológicos, elucidando-os com alguns exemplos buscados em comunidades portuguesas de pescadores. Para todos os amigos de Portugal é motivo de regozijo constatar que, de facto, existe nesse belo país não sòmente uma aprimorada cultura da profissão piscatória, extremamente rica em variedade de aspectos, mas também um elevado número de notáveis investigadores e instituições de pesquisa empenhados, em constante actividade, em fazer avançar a ciência antropológica.

KNUT WEIBUST.

Sistemas de construção com madeira e materiais leves

Um tipo de «Fachwerk» em Portugal

O mais característico sistema europeu de construção com madeira e materiais leves, usado sobretudo na Alemanha, no nordeste da França, na Inglaterra, na Suíça, nos países danubianos, e certamente noutras regiões ainda, e que leva em alemão o nome de «Fachwerk» — ou seja: o revestimento por sectores —, é, como a sua designação sugere, um processo em que a parede é composta de barrotes verticais, horizontais e oblíquos, formando uma grade ou armação, cujos vazios se preenchem com tijolos ou outros materiais idênticos, e que portanto se pode fazer por sectores. Este conjunto, que se ergue a partir de um soco alto ou mesmo um rés-do-chão de pedra, é geralmente aproveitado para belos efeitos decorativos; todo o madeiramento da armação fica

à vista, disposto de modo a formar desenhos simétricos e regulares, lineares e simples, quadrados ou rectângulos cortados por diagonais ou cruces, por vezes mesmo linhas curvas, se as madeiras a tal se prestam, que se destacam sobre o fundo claro da argamassa que recobre o material com que se encheram os intervalos, ou do tijolo, ele próprio disposto também em variados desenhos. As janelas e varandas — estas sempre cobertas — inserem-se com grandes possibilidades de combinações, em quaisquer dos lanços da grade, que se deixaram abertos para o efeito. A acrescentar ainda a este luxo de decoração, não raro as madeiras são enriquecidas com entalhes, em certos casos de grande beleza.

O «*Fachwerk*», como o nosso tabique, é sobretudo frequente nas velhas casas de andares em saliência — o «*encorbellement*» dos franceses —, em que a parede se ergue sobre uma trave horizontal apoiada nas pontas salientes dos barrotes onde assenta o sobrado; mesmo quando a fachada é lisa, é frequente a linha dos andares acusar-se exteriormente por uma trave horizontal mais forte. E em ambos os casos — e mesmo em exemplos mais recentes — o «*Fachwerk*» parece associado aos telhados íngremes característicos do Norte da Europa ⁽¹⁾.

Em Portugal, o sistema normal de construção com madeira e materiais leves, é o *tabique*, em que a parede é feita de tábuas grosseiras — por vezes mesmo «casqueiras» — de cerca de 3 cm de espessura, postas ao alto, pregadas em cima e em baixo aos barrotes do soalho, às quais por sua vez se prega o «*fasquio*», ou sejam finas régua mal aparelhadas, de secção primitivamente rectangular e hoje em geral trapezoidal, com cerca de 3 cm de largura no lado maior, dispostas em filas paralelas, com intervalos de cerca de cinco cm entre elas; tábuas e «*fasquio*» são geralmente de pinho; as massas grossas — outrora cal e saibro, muitas vezes misturadas com palha cortada, agora cal, areia ou cimento — são chapadas contra essa armação, e, secando, ficam presas entre as régua do «*fasquio*», servindo de base aos revestimentos finais. Este processo é ainda hoje corrente, mormente para divisórias interiores ⁽²⁾ (agora progressivamente substituído

⁽¹⁾ Nos países bascos, o estilo típico da construção é aparentemente semelhante a este, mas não sabemos se estruturalmente o é também.

⁽²⁾ Neste caso, por vezes, as tábuas onde se prega o *fasquio* ficam um pouco afastadas, e o espaço entre elas é preenchido com «*fitas*» de madeira, aparas de cortiça ou outras substâncias leves congêneres.

Por outro lado, note-se que, para os tectos, se usa igualmente o «*fasquio*», que então se prega na face de baixo dos barrotes, mas com intervalos muito pequenos para melhor prisão das massas.

pelo tijolo ou outros materiais pré-fabricados; mas em algumas regiões, ele é também usado — e por vezes mesmo caracteristicamente — nas paredes exteriores de certos elementos da casa. É o que sucede com o revestimento das varandas fechadas, em determinadas áreas rurais nortenhas, com as paredes dos corpos altos da casa do Médio e Baixo Douro, etc.

No centro litoral, ao sul do Mondego, o tabique leva o nome de «enxaimel»; e na construção característica da beira-mar dessa zona, nos «palheiros» de madeira da Cova e Costa de Lavos, da Gala e da Leirosa, usa-se, no revestimento interno de certas paredes exteriores, um «enxaimel» especial, em que as régua do fasquio, afastadas mais de 10 cm umas das outras, firmam contra o tabuado exterior um enchimento feito de canas postas ao alto, entre os barrotes verticais da estrutura do edifício; as massas do revestimento seguram-se as fasquio e a essas canas.

Nas cidades, o tabique exterior, de tábuas e fasquio, é igualmente muito frequente. Além das trapeiras, varandins, andares suplementares ou outros acréscimos, em que ele aparece tal e qual com o reboco de cal à vista, ou recoberto de telha a prumo, lousa em escama, chapa zincada, ou outros materiais, as próprias paredes da fachada de inúmeras casas, sobretudo nos velhos bairros, são de tabique, que se eleva acima de um rés-do-chão de pedra. Tal é particularmente o caso nas antigas construções com os andares em ressalto, cujas paredes, por essa razão, se erguem, como no caso germânico do Fachwerk, a partir de uma trave de madeira que apoia nas pontas salientes do barrotamento do soalho, e que conseqüentemente têm de ser leves. As casas desse tipo mostram então uma fachada toda rebocada, apenas com tábuas à vista nas linhas horizontais divisórias dos andares, por vezes nos cunhais verticais, e nas guarnições das janelas, postigos, portadas e varandas.

Os estragos do tempo e certas demolições, porém, pondo a descoberto a estrutura das paredes que as argamassas disfarçavam, vieram mostrar que muitos desses velhos prédios dos bairros mais antigos de várias cidades do Noroeste da Península, designadamente o Porto, Guimarães, na Galiza a Corunha e Orense, e certamente muitas outras, aparentemente de fachadas de tabique como os que acabamos de referir, eram na realidade de um sistema de construção inteiramente diferente, que cremos poder aproximar-se do Fachwerk do norte da Europa, mas com a armação de madeira e o enchimento dos espaços abertos, a tijolo ou outros materiais, completamente escondidos pelo revestimento exterior de cal.

Num prédio dessa categoria do bairro da Sé, do Porto (1) (fig. 1) rematando, em cima, a parede de pedra do rés-do-chão, corria um espesso barrote, formando frechal, donde partiam os prumos, que subiam até uma grade, ao nível do tecto desse andar; entre esses prumos pregavam-se travessas horizontais formando sectores divididos em quadrados mais ou menos regulares, que eram atravessados por outros troços e pontas de barrotes, dispostos

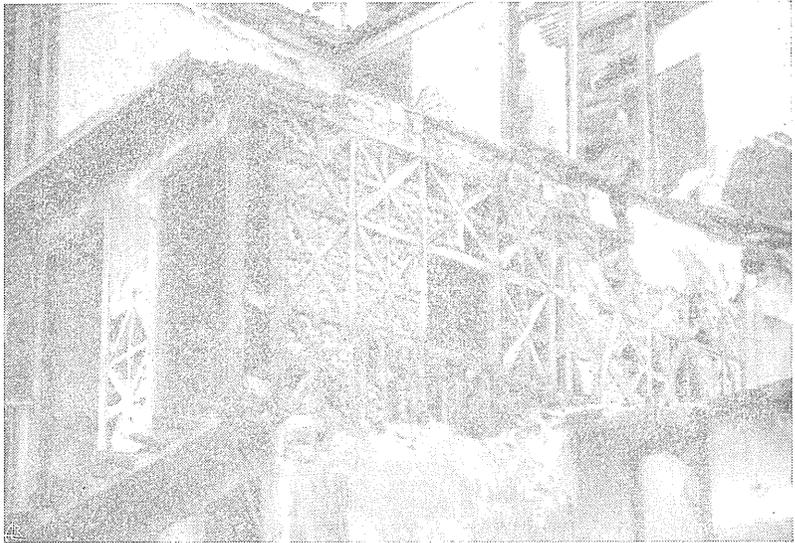


Fig. 1 — Porto — Bairro da Sé.

em diagonal e cruz; os triângulos abertos assim entre esta armação, eram cheios com tijolos maciços — de dimensões variadas, mas sempre com a mesma largura dos barrotes e prumos (cerca de 10 cm), e formato irregular, que às vezes parece ajustar-se mesmo aos ângulos do barrotamento — argamassa e cacos de tijolo (fig. 2); o madeiramento era todo golpeado, de modo a ficar cheio de rebarbas, onde aderissem as massas; e o conjunto, seguidamente, revestido de reboco, por dentro e por fora. As aberturas das janelas ou portadas de varandas, ficavam situadas entre dois prumos. As madeiras eram de castanho. Todo este barrota-

(1) No alto da velha rua, em demolição, do Corpo da Guarda.

mento era pouco regular; por vezes troços intermédios de barrotes verticais encurtavam uma distância excessiva entre dois prumos; num pequeno sector, em baixo, junto ao frechal, em vez dos quadrados com diagonais e cruces, via-se como que uma série de balaústres verticais paralelos, a partir do primeiro sector horizontal; mais para as traseiras, as diagonais galgavam dois sectores, e o desenho dos troços e pontas de barrotes era muito desordenado. Esta estrutura era sobretudo patente na divisória com o prédio contíguo, podendo

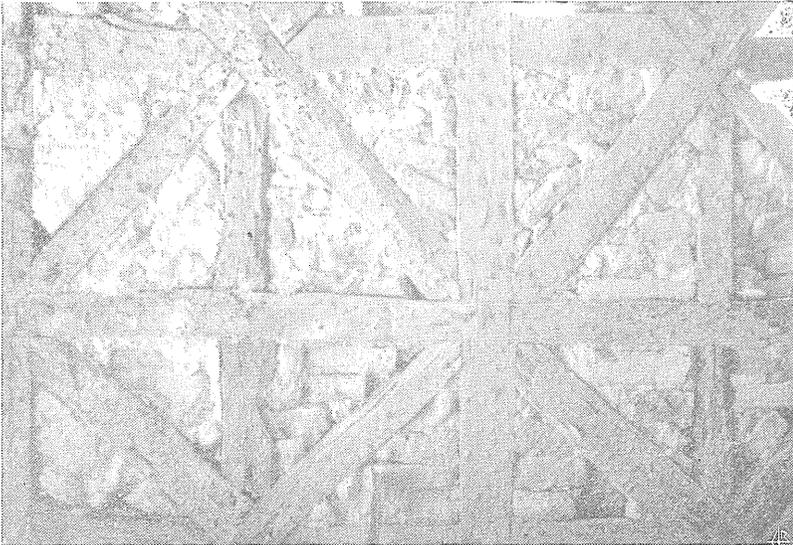


Fig. 2 — Porto — Bairro da Sé. Pormenor.

por isso considerar-se uma parede interior; mas ela existia nos mesmos termos na estreita faixa da parede da fachada frontal, e pode-se entrever nas falhas de reboco de inúmeras outras casas, nas vetustas ruas dos bairros da Sé, da Vitória, etc. (1).

Num prédio em demolição, em Guimarães (2) (fig. 3), por sua vez, com as paredes de fachada todas de pedra, de resto, pudemos observar o mesmo sistema, numa das paredes divisórias com o prédio contíguo. Aí, os prumos principais, que eram muito fortes,

(1) Rua Chã, por exemplo; e muitos outros.

(2) No Campo da Feira, 7/8, ou Rua Dr. José Sampaio, 2/6.

com 20 a 25 cm de largura, subiam desde o frechal do rés-do-chão — assente na parede de pedra desse nível — à altura correspondente a dois pisos e mesmo acima, em alturas decrescentes, fazendo a empena e o apoio do travejamento do telhado; eram bastante espaçados, mas entre elas havia alguns intermediários, apenas para formar a grade, que iam só até à linha do tecto do respectivo andar. A disposição dos barrotes, travessas e pontas,

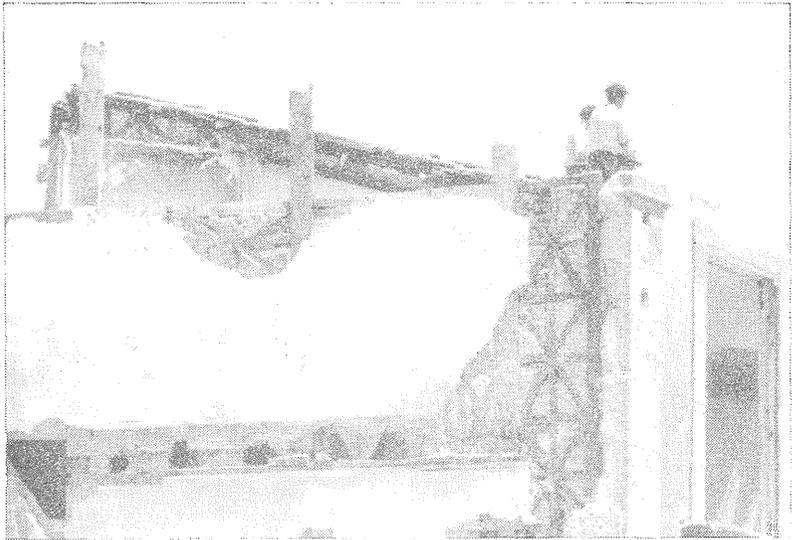


Fig. 3 — Guimarães — Campo da Feira.

que formavam a grade, era, como no Porto, por vezes muito irregular. Os quadriláteros tinham, como média aproximada, 80 cm de base por 1,10 m de altura; mas em baixo havia um sector de metade de altura; as diagonais eram de cerca de 1,30 m, com 12 cm de largura; as pontas que formavam cruz sobre essas diagonais encaixavam em bico no ângulo central, e tinham 7 cm de largura. Os tijolos que enchiam os espaços abertos eram, também como no Porto, maciços e de pequenas dimensões. Sobre esta estrutura, aplicavam-se as massas imediatamente.

Em certas zonas da Beira Alta, Santa Comba Dão, etc., usa-se ainda outro sistema de construção com madeira e materiais

leves, a que se dá o nome de «taipa» (1). Esta «taipa» é formada por uma grade de barrotes de prumo verticais que se elevam sobre um soco baixo de pedra, distanciados cerca de 30/40 cm, com ripas horizontais pregadas a eles exteriormente por ambos os lados, a cerca de 20/30 cm umas das outras; o vazio entre estas peças enche-se seguidamente com uma mistura de barro e palha amassada com água, e hoje, preferentemente, com cacos de telha, sobre os quais se aplicam as massas só por fora, para assim «puxarem» mais depressa.

ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA

Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.

Uma malha em Celorico de Basto

No seu trabalho «Sacrifícios simbólicos associados às malhas», (in *Terra Lusa*, 1.º, Lx. 1951) Jorge Dias refere-se especialmente às malhas de centeio que presenciou em Celorico de Basto, interessando-se mais pelas cerimónias rituais que as acompanham, as quais considera mesmo uma das melhores confirmações das opiniões de Frazer e de Mannhardt, pelo invulgar ou quase único caso em que tão grande número de elementos, vulgarmente dispersos, se encontram nelas reunidos. Pelo aspecto funcional não se interessou especialmente, nem se alongou na apreciação do espírito de competição que as anima. São esses dois aspectos que vamos focar numa malha de centeio em Tecla, Celorico de Basto.

Enquanto um homem vai deitando os molhos da meda para a eira, os outros tiram-lhes os *nagalhos*, e dispõem a palha em camada espessa (cerca de 50 cm). Procuram encostar o *lado de cima* (lado para onde estão voltadas as espigas) da *eirada* a uma parede, amparando o *lado de baixo* (lado das *canelas* das caules) com uma escada. O escorregamento lateral da palha junto à parede é evitado com um molho aberto a meio.

Os malhadores começam por bater uma cabeceira, principiando num canto, deslocando-se lateralmente até ao canto

(1) Não confundir com a «taipa» que se usa no Sul de Portugal e nos países mediterrâneos, de terra batida e seca entre uma caixa de taipais de madeira, que se vai aplicando directamente sobre a parede em construção.